

AS BERAKHOT DE JESUS NO SEDER DE PESAH

Donizete Luiz Ribeiro, Doutor em Teologia pelo Instituto Católico de Paris, Diretor Acadêmico e professor do CCDEJ, professor agregado da PUC-RIO, membro associado das Associações ACFEB e ABIB, Editor da Revista Cadernos de Sion e participa da diretoria da Revista El Olivo.*

Estevão Oliveira de Souza, Religioso da Congregação de Nossa Senhora de Sion. Possui graduação em Filosofia pela Faerpe, graduação em Teologia pelo ITESP.*

RESUMO

O propósito deste artigo é um breve estudo bíblico-histórico das bênçãos judaicas utilizadas no *seder de pesah*, realizadas por Jesus no decorrer da celebração antes do ápice de sua missão, isto é: sua prisão, crucificação, morte e ressurreição. Leva-se em conta que o uso de Jesus vai de encontro à tradição de seu povo, mas ao mesmo tempo seu gesto atualiza as *berakhot* e imprimirá na comunidade nascente o primeiro dado da tradição, ou seja, o sentido de celebrar e elevar a Deus sempre orações.

Palavras-chave: Pesah. Festa judaica. Berakhot.

ABSTRACT

This article's purpose is to make a short historical biblical study on the Jewish blessings found on the Pesah Seder and performed by Jesus during that celebration before the pinnacle of his mission, i.e.: his prison, crucifixion, death and resurrection. It is taken into account the fact that Jesus' performance corresponds to his people's tradition. On the other hand, his gesture actualizes the berakhot and attaches into the primitive community the first datum of tradition, i.e., the meaning of celebrating and elevating prayers to God.

Keywords: Pesah. Jewish Feast. Berakhot.

Introdução

Jesus foi um homem de seu tempo. Nascido em meio judaico participa ativamente da religiosidade em que estavam imbuídos tal povo, participando ativamente das práticas religiosas. Para um judeu religioso, os primeiros ensinamentos se dão no ambiente familiar, que é considerado também como um pequeno santuário para o povo. Nesse ambiente, as primeiras letras da *Torah* são dadas pela mãe, que tem o papel de ser *Akeret Habayit*.¹ Quando os filhos chegam à maioridade fazem a cerimônia de *Bar Mitzvá*,² considerada a maioridade religiosa para os judeus. Para Jesus, tais acontecimentos não poderiam

* E-mail: ribeironds@gmail.com

* E-mail: oliveiraestevaosion@gmail.com

1 O termo *Akeret Habayit* significa literalmente o esteio da casa. Cabe à mãe moldar a casa segundo os preceitos judaicos

2 *Bar Mitzvá*: בר מצוה, Etapa da vida do jovem judeu quando este chega à maioridade. O costume de uma cerimônia do *Bar Mitzvá* data de meados do século XVI, todavia a alusões à entrada na vida adulta em algumas passagens bíblicas tais como passagem em Gênesis 34,25 onde se faz referência à Levi como adulto.

ter sido diferentes. Vemo-lo na idade do *Bar Mitzvá*, discutindo no templo entre os doutores e interrogando-os com grande sabedoria (Lc 2,46b–47). A partir da referida cerimônia, o jovem pode fazer parte dos *minyán*,³ e intensifica sua vida de estudos e práticas dos mandamentos. Após os eventos do templo, não temos dados para afirmar acerca das práticas de Jesus; todavia, a tradição contida em Lucas aponta sua obediência e práticas dentro do judaísmo (Lc 2,51–52). Esse período oculto de Jesus, provavelmente, serviu como aprendizado junto a algum mestre para que, quando estivesse preparado, pudesse iniciar seus ensinamentos publicamente. Ao iniciar sua vida pública e missão, vemos Jesus imbuído de sabedoria adquirida a partir de longos anos de estudo e meditação.

Na tradição judaica é comum os mestres se colocarem a serviço de outro mestre e estudarem profundamente antes de iniciar seu próprio ministério de ensino e pregação. Exemplo de tal condição é a figura de *Rabbi Akiva*,⁴ que se dedicou profundamente ao estudo da Torah, a partir de um evento narrado no Avot de Rabbi Natan:

Certa vez estava Rabbi Akiva na boca de um poço e disse; ‘Quem fez um buraco nessa pedra? É a água que constantemente cai sobre ela, dia após dia. E eles disseram: ‘Akiva você não sabe do versículo, a água corrói as pedras (cf Jó 14,19)? Rabbi Akiva percebeu imediatamente e aplicou isso ainda mais si mesmo. Ele disse: se algo macio pode esculpir algo duro, tanto mais que as palavras da Torá, que são como aço, podem gravar-se no meu coração, que é apenas carne e sangue. Ele imediatamente começou a estudar a Torá.

Ao se apresentar como mestre nas manifestações religiosas do povo de Israel, Jesus vai se torando evidente em seus ensinamentos e práticas interpretativas da *Hallakhá*,⁵ reunindo em torno de si discípulos e tendo em vista um fim comum: a plenitude da *Berit*,⁶ a partir de uma visão mais pura da *Hallakhá*, uma prática ritual, cuja interpolada e enriquecida de nova perspectiva salvífica, cuja tradição ficou legada à comunidade nascente nas palavras sobre o pão e vinho e nas bênçãos que derramou sobre tais alimentos.

As bênçãos judaicas

A palavra bênção, em hebraico, é *berakhá*, cujo plural é: *berakhot*. As três consoantes que formam essa palavra são: *B.R.KH* “ברך”. Dessas três consoantes, é formada a palavra *Berekh*⁷ que significa: joelho e é a base da palavra *Berakhá*. Essas três letras estão na base de dois grupos verbais: o *pa'al* e o *piel*. No *pa'al* significa: dobrar

3 *Minyan*: מניין, Grupo de dez homens no mínimo, maiores de 13 anos, que a tradição judaica requer para a realização de qualquer ato religioso de carácter público.

4 Rabbi Akiva Ben Yosef: עקיבא בן יוסף (c.40–c.135) — foi um tanaíta hebreu que introduziu um novo método de interpretação da lei oral (*Hallakhá*) que veio a se tornar à *Mishná*, mas, devido à falta de aparato histórico seu nome virou assunto de inúmeras Lendas populares; uma delas a do Pomar (paraíso), apesar da rica quantidade de material proporcionado pela Literatura rabínica o retrato do homem que por quase dois mil anos traçou o caminho do rabinato é incompleto. Uma história completa de Rabi Akiba jamais fora escrita e por isso há tais lenda envolvendo esse personagem que é considerado no judaísmo como o Abba (pai) do judaísmo rabínico.

5 *Hallakhá*: הלכה, pode ser empregado de duas maneiras, significa a totalidade da lei ou uma decisão legal específica. É também o modo de vida formulado pela Torah para a orientação da humanidade e de Israel (SCHLESINGER, 1969, p. 51).

6 *bēriyth*: ברית, significa aliança entre Deus e o povo. O mais importante acontecimento da aliança de Deus com o povo se deu no Sinai, quando do recebimento das Tábuas da Lei entregues a Moisés (SCHLESINGER, 1969, p. 18).

7 A palavra significa joelho é um eufemismo judaico que significa órgão sexual, fonte da fecundidade. A tradição rabínica relaciona a palavra *berekh* com a raiz *b* ‘(ayn) r, cujo significado é poço, onde há água.

os joelhos e, no *piel*, assume o sentido de: abençoar.

A bênção⁸ é a expressão-chave da espiritualidade judaica. Ela se apresenta como uma resposta às maravilhas que Deus concede em sua liberalidade ao ser humano. O homem que recebe uma bênção de Deus tem o poder de transmiti-la (cf. Gn. 27,1; 48,14; 49,25). Assim, as *Berakhot*, na liturgia, são eixos centrais que dão tonalidade e colorido à ação litúrgica.

Na Escritura, encontramos um lugar destinado à prática e ritmos das orações (Dn 6,11). Aí vemos que existe um costume de rezar três vezes ao dia (HRUBY, 2014, p. 18). A oração e, posteriormente, as bênçãos em Israel se desenvolveram depois do exílio, mas suas raízes remontam aos primeiros patriarcas (VAINSTEIN, 1991, p. 24), inclusive, cada horário da oração é dedicado a um patriarca, assim a Abraão a oração da manhã, Isaac a oração da tarde e a Jacó a oração da noite (HRUBY, ano, p. 13-14).

A oração cotidiana consta de bênçãos (*berakhot*) relacionadas aos principais acontecimentos do dia, recitadas pela manhã, tarde e noite. As *berakhot* podem ser (BASURKO, 1997, p. 102-104): uma bênção breve, que nasce espontaneamente no coração do homem, que reconhece a ação de Deus que atua salvando-o a cada instante em sua existência, sendo que algumas destas foram incorporadas à liturgia do *seder* de *pesah*; às formas largas ou bênçãos cultuais, uma forma de bênção espontânea, fixada dentro da liturgia, que se celebrava no Templo e que se usavam nos serviços litúrgicos nas sinagogas.

O termo mais comumente usado para a oração é *Tefillah* “תְּפִלָּה” (Is 1,15), formado da raiz “פּלל” P.L.L⁹ no tronco verbal: *hitpael* (1 Rs 8,42). A raiz P.L.L “פּלל” foi interpretada de várias maneiras na linguagem bíblica, e significa: intermediar, julgar, esperar, de modo que a *tefillah* é o ato pelo qual o homem invoca a presença de Deus enquanto juiz de seus atos. Há outros termos usados para a oração na Bíblia: a) *qara* “קרא”, invocar (Gn 4,26); b) *Tsa’aq* “זעק”, gritar (Jz 3,9); c) *shiwwa* “שוע”, gritar forte (Sl 72,12); d) *rinnah* “רנה”, grito retumbante (Sl 17,1); e) *Darash* “דרש”, procurar Deus (Am 5,4); f) *Biqqesh penei y* “בקש פני”, procurar a face do Senhor (Os 5,15); g) *Shaal* “שאל”, pedir (Sl 105, 40); h) *Pag’a* “פגע”, encontrar (Deus) (Jr 7,16); i) *Nass’a* “נשא”, elevar (Jr 7,16); j) *Hannen* “הנן”, procurar o favor (Dt 3,23); k) *Shafakh lev* “שפך לב”, expandir o coração (Sl 62,9); l) *Siah* “שיח”, apresentar uma queixa (Sl 142,3).

As *Berakhot* cultuais são compostas de três elementos: a) uma fórmula própria, em geral, breve, que se apresenta como um invatatório: Bendigamos ao Senhor; b) uma recordação das maravilhas que Deus opera, como motivação para o louvor; c) e, por fim, o louvor do começo é retomado como doxologia final. Estes elementos das *Berakhot*, são uma atualização daquilo que Deus fez, faz e fará (memória atualizada e atualizante, *anamnese*). Uma vez precisado isso, principalmente na celebração do *seder* de *pesah*, podemos compreender que, quando Deus é invocado (*epiclese*), a partir das bênçãos, Israel se vê de novo na grande noite comendo o banquete da libertação.

Ao celebrar com os seus discípulos, Jesus faz uso das bênçãos rituais do *seder* durante a refeição, e repetindo

⁸ A importância da bênção é tal, que, na *Mishná*, há um tratado dedicado totalmente à bênção o qual traz o título de *Berakhot*: bênçãos.

⁹ Essa raiz hebraica é a mesma usada para a palavra *tehilim* que dão origem aos salmos.

os gestos, atualiza-os. Desse modo, Ele dá plenitude ao seu sentido, fechando o ciclo da aliança com o cumprimento do último ato da grande noite da Páscoa:¹⁰ a vinda do Messias.

Os quatro cálices servidos no *seder de pesah*

No decorrer da ceia, Jesus, pondo-se à mesa com os seus discípulos, em clima festivo, inicia a celebração de *seder* com a primeira bênção da festa, isto é: *quidush* (PEREIRA, 1985). Tendo tomado esse primeiro cálice e dado a bênção, Jesus diz: “tomai-o e reparti-o entre vós. Pois eu vos digo; doravante eu não beberei mais do fruto da videira até que venha o Reinado de Deus” (Lc 22,17-18).

No decorrer da ceia, no momento do anúncio da Páscoa, é servido o segundo cálice: o cálice da Redenção. Toda a história da libertação é narrada de forma educativa. O mais novo se aproxima e faz algumas perguntas¹¹ ao que preside¹² a celebração. Este responde às perguntas, fazendo uso da *haggadah*. Em seguida, canta-se a primeira parte do *hallel*. O segundo cálice é tomado e a *matza* distribuída. Juntamente com esse ato, aquele que preside molha um pedaço de pão no *harósset*¹³ e o oferece aos convidados, em sinal de afeto. O gesto de oferecer o pão umedecido dá um caráter notável à ação de Jesus para com Judas. Neste momento da celebração, Jesus fez um último gesto de grande amor para com aquele que o iria trair. O evento nos é narrado no quarto Evangelho: “Quanto a Judas, tendo tomado o bocado, saiu imediatamente: era noite” (Jo 13,30). A refeição continuava e, por fim, vinha o terceiro cálice: o cálice da bênção. E isso se pode verificar no Evangelho segundo Lucas, quando Jesus, após terminar de cear, toma em suas mãos o pão, dá graças e, em seguida, faz o mesmo com a cálice, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança em meu sangue derramado por vós” (Lc 22, 19-20). O salmo 116 (115) é recitado e o cálice é tomado. O quarto cálice, chamado de cálice da aceitação, é servido após uma síntese dos acontecimentos, e conclui-se com a recitação do *hallel*, a bênção do cântico e a tríplice bênção (GIRAUDO, 2014, p. 125), e após bebido o cálice é dada a bênção final.

Nas narrativas de Marcos e Mateus, após o cântico dos salmos e encerramento da ceia, Jesus vai juntamente com seus discípulos para o Monte das Oliveiras. Ali, vemos que Jesus aceitará cumprir o seu desígnio de Messias–Servo Sofredor. Em outra interpretação, podemos supor que o cálice da aceitação é oferecido pelo Pai a Jesus (Mc 14, 36; Mt 26, 39; Lc 22, 42-43). Lucas é o único a narrar a aparição de um anjo, tal como se deu com o profeta Elias (1Rs19, 4-8). Jesus é confortado e aceita beber o cálice, e inicia-se, assim, o acontecimento do quarto verbo, que é a salvação.

10 Um antigo poema de páscoa conhecido como o poema das quatro noites descreve quatro acontecimentos que deverão acontecer durante toda uma geração desde a criação até a vinda do Messias.

11 “O mais jovem do grupo se aproxima do que está presidindo o rito e faz as seguintes perguntas: Por que esta noite é diferente de todas as outras noites? Por que nas demais noites comemos pão com fermento, e, nesta noite, comemos o pão sem fermento? Por que, nas outras noites, comemos qualquer tipo de verdura, e, nesta noite, ervas amargas? Por que, nas demais noites, não molhamos a verdura nem uma única vez e, nesta noite, duas vezes? Por que, nas outras noites, comemos carne tostada, cozida ou assada e, nesta noite, tão somente assada? Após a destruição do Templo, a última pergunta foi substituída pela seguinte: Por que, nas outras noites, comemos sentados ou recostados, e, nesta noite, todos nos recostamos?” (GIRAUDO, 2014, p. 105).

12 Geralmente é o pai de família que presidia o ritual de *pesah*. Aqui vemos Jesus, como líder do grupo, presidindo a celebração (GIRAUDO, 2014, p. 102).

13 *Harósset*, um dos símbolos pascais. Obtido a partir de uma mistura de maçãs, amêndoas, tâmaras ou passas trituradas, cuja cor lembra a do barro que os israelitas eram obrigados a fazer no tempo da escravidão do Egito.

As palavras sobre o pão e o vinho.

Ao tomar o pão e o vinho, na última Ceia, durante a celebração do *seder de pesah*, Jesus pronunciou uma série de palavras, que se tornaram o centro de nossa fé. Essas palavras foram primeiramente escutadas pelos apóstolos e discípulos, e oralmente passadas para os primeiros seguidores. Tais palavras receberam uma leitura pós-pascal. Com o passar das gerações e o desaparecimento das primeiras testemunhas e daqueles que conviveram com as testemunhas, viu-se a necessidade de colocar por escrito.

Essas palavras e gestos feitos por Jesus, sobre o pão e o vinho, que tinham como base as *berakhot* ficaram gravadas na memória dos apóstolos e discípulos; e sendo narradas segundo a visão de cada evangelista (JEREMIAS, 1980, p. 242). Essas palavras unificadas com os gestos feitos representam uma nova etapa na relação de Deus com os homens.

No êxodo, Deus libertou o seu povo e passou por cima das casas dos egípcios, poupando os umbrais marcados com o sangue do cordeiro. Os pães comidos representavam a amargura que o povo havia sofrido na terra do Egito. As palavras de Jesus em plena ligação com a sua morte traziam agora a ação de Deus mais perto de Israel e ampliavam-se a todos os povos. E mais que isso, a salvação, desde então, é comer e beber a carne de Cristo e nele permanecer, tal como vemos no Evangelho de João (Jo 6,55;15 4-5).

Os gestos e palavras de Jesus, sobre o pão e o vinho (BERGER, 2009, p. 559), não representam algo isolado, acontecido apenas na ceia derradeira, mas é um conjunto harmonioso em que os derradeiros gestos e palavras se constituem o ápice sintetizador de toda a sua trajetória. É o que nos afirma Penna: “o gesto de Jesus representa na verdade, o ápice de uma vida transcorrida com pró-existência, ou seja, como uma projeção *ad extra*, em relação aos outros, no esquecimento de si” (PENNA, 1998, p. 29). As tradições sobre o pão e o vinho são diversificadas, em um total de 5/3 nos sinóticos, em Paulo, e no quarto Evangelho.

Verbos gerais sobre o pão e o vinho

Nas palavras ditas por Jesus, que possivelmente estão presentes no *seder de pesah*, há alguns verbos, que foram usados igualmente para o pão e para o vinho registrados em quatro tradições. Nos sinóticos e em Paulo, tais verbos estão implicitamente no quarto Evangelho, ei-los: tomar e dar graças / abençoar, antes de se chegar ao centro dos gestos e ações de Jesus no *seder de pesah*, do qual recebe Dele como cordeiro e maná¹⁴ da Páscoa, a novidade de salvação universal.

Nas quatro narrativas (1Cor 11,23,25; Lc 22, 19-20; Mc 14,22-24; Mt 26,26-28), o verbo tomar (*labéte*) é o gesto inicial de uma série de ações. No *seder de pesah*, o verbo tomar (*labéte*) é sempre indicativo de um segundo ato: a ação de bendizer. Aquele que preside a ceia sempre após tomar algum alimento, ou fazer algum gesto de tomar algo, segue a ação com uma benção. Essa sequência binária seja em relação ao pão, ou ao cálice, em Lucas aparece de modo implícito com o uso da expressão “fez o mesmo”. A segunda ação é a de bendizer. E para esse verbo são usadas duas palavras gregas: bendizer (*eulogéo*), dar graças (*eucharisteo*), que são equivalentes e intercambiáveis.

¹⁴ No capítulo 6 do quarto Evangelho, a perspectiva pascal figura sobre a imagem do maná como pão-carne de Jesus que dá vida eterna.

Na Sagrada Escritura, o sentido de abençoar, permeia toda a Bíblia,; ao criar homem e a mulher, Deus os abençoa (Gn 2,27-28), e a partir da eleição de Abraão (Gn 12,1-2), a bênção se torna um elemento presente dentro da fé do povo de Israel.

Importa ressaltar que as bênçãos recitadas por Jesus foram as que se recitam sobre os frutos e que, dentre elas, distinguem-se duas classes: os que provêm da planta, cujo vinho é privilegiado, e os que provêm da terra, cujo pão é o mais importante (Talmud da Babilônia, *Tratado Berakhot*, 5,10). Considerados como produtos mais nobres da natureza, esses possuem bênçãos específicas no ritual de *pesah*. Em uma ceia comunitária, como é o *seder* de *pesah*, aquele que preside diz a bênção em nome de todos os presentes, saindo da posição recostada e sentando-se para dizê-las.

A expressão usada, tanto nos textos sinóticos, quanto na literatura paulina, sobre a ação de Jesus de abençoar pão e vinho, refere-se que ao tomá-los em suas mãos Ele dirá as *berakhot*, correspondentes a cada um dos elementos (pão e vinho). Após essas bênçãos correspondentes, as palavras institucionais de Jesus serão inseridas.

Palavras sobre o pão

Após Jesus tomar e abençoar o pão, Ele o parte e distribui-o a seus discípulos. O verbo partir e dar, figura como terceira ação simultânea de Jesus sobre o pão. No ritual de *pesah*, entre o primeiro cálice e o segundo, a segunda *matza*¹⁵ é partida em dois pedaços e esconde-se uma parte para o *'epiqomon*.¹⁶ Stern opina em seu comentário judaico que:

Enquanto no judaísmo moderno os três *matzot* são tomados em referência aos *kohanim* (sacerdotes), *l'vi'im* (levitas), e Israel (todos em Israel que não pertencem às primeiras categorias), muitos acadêmicos acreditam que esse ritual foi acrescentado ao *seder* pelos judeus messiânicos, para os quais os três *matzot* – representam o Pai, O Filho e o *Ruah HaKodesh*. A segunda *matza* representando o Filho, que chama a si mesmo de pão da vida (cf. Jo 6,41-48), que no presente versículo fala sobre a *matza*, 'Isto é o meu corpo' – é partido por todos e dado a todos (simbolicamente representando sua morte por toda a raça humana). (2009, p. 85)

Essa ação de partir o pão, segundo uma discussão contida no Talmud, é uma ação de quem preside a celebração. As ações de partir e dar também fazem eco à partilha que se deve fazer de uns com outros. A *matza* distribuída para todos em pequenos pedaços e logo, em seguida, as palavras centrais de Jesus evocam a luz que Israel deve ser sobre as nações. Ao sair do povo judeu a salvação, esta não pode ficar restrita, intocada, mas deve ser para todos aqueles que quiserem ser salvos. O ato de partir de Jesus é o ato de doação universal.

O centro das palavras de Jesus sobre o pão repousa sobre a expressão: "Isto é o meu Corpo" e aparece em paralelo com as palavras sobre o cálice. Tais palavras estão intrinsecamente ligadas às ações precedentes. E, dentro dessas palavras e gestos, podemos verificar duas linhas de transmissão. Essas estão em sintonia quanto ao teor das palavras pronunciadas sobre o pão e sobre o cálice, guardando as particularidades de cada tradição narrada em seu significado básico (PENNA, 1998, p. 30-31).

15 *Matza*: מצה Pão ázimo sem levedura que se come durante a celebração de *pesah*.

16 *'epiqomon* também chamado de *afiqoman*: ἀφικόμεν significa o que vem depois, uma espécie de sobremesa

A expressão central das ações e gestos de Jesus se iniciam com a expressão “Isto é” em grego “*touto estin*” e que não se refere somente ao elemento que Jesus toma. A expressão não responde ao que é o pão em si, mas suas palavras apontam para a sua destinação. Este pão usado *no seder de pesah*, após as *berakhot* pronunciadas adquirem as propriedades de serem liturgicamente um dom de Deus a partir do valor simbólico, que remete às *matsot* comidas na noite da libertação, e que recordam a aflição vivida. Ao serem pronunciadas, as palavras sobre o pão partido, têm a dupla função: alimentar os que ali se encontram e ser um sinal de unidade com aquele que oferece aos comensais.

A originalidade de Jesus está no fato de que Ele especifica pão/vinho não como metáfora de um «sacrifício» ritual objetivo ou de um conceito abstrato, como a «aflição» do passado, mas identificando-o consigo mesmo como pessoa, não tanto em sentido ontológico, quanto funcional.¹⁷

A expressão Isto é “*touto estin*” que irá concordar com as palavras que seguem estabelece relação de Jesus com o pão, que se torna corpo e será símbolo da autodoação de Jesus na continuação ou prolongamento que se dará na cruz. Mas não o Cristo real, físico, mas o Cristo glorificado pelo Pai, plenitude da Páscoa. Após a expressão “*touto estin*”, segue-se “meu corpo” que em grego é “*to soma mou*”. Para entender essa expressão, precisamos ter claro a significação do termo corpo no mundo semita. O corpo no mundo semita não se refere apenas ao físico, mas a totalidade da pessoa enquanto capaz de construir uma história. Na antropologia bíblica, o homem não só tem corpo, mas é um corpo, que em hebraico é *bassar*. O termo usado em grego *soma*, que se traduz por carne, apresenta-se muito próximo do termo hebraico. Jamais o termo *bassar* se aplica a um cadáver sem vida. O homem é *bassar* em frente a si mesmo, Deus e a comunidade (ROCCHETTA, 1993, p. 30). Na tradução dos LXX, o termo *bassar* é traduzido tanto por *sarx* como por *soma*, o primeiro como o homem corpóreo em oposição ao homem espiritual, e o segundo termo *soma* como o ser em sua totalidade visível. O termo *soma* concorda mais com o termo *bassar* em sentido a uma significação, que vai além da simples vida física do homem (ROCCHETTA, 1993, p. 30-32). Nesse sentido, ao se referir ao pão como seu corpo, Jesus expressa toda uma ação que foi construída a partir das profecias sobre o Messias enviado. E avança na história como parte do momento crucial que começa com a ceia e encerra-se no calvário fisicamente. Daqui para frente, pós-ressurreição, é a presença do Cristo Glorificado que fará parte de todas as ceias.

Imediatamente após a expressão “*touto estin to soma mou*”, na tradição paulina-lucana, temos a expressão “*hiper hymon*”, cuja tradução é: “que é dado por vós”. Dufour (1983), explica que a preposição *hiper* não pode ser separada de seu significado em relação aos sacrifícios expiatórios existentes no Antigo Testamento. Tal expressão liga-se intrinsecamente a tais sacrifícios (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 162).

Todavia a preposição *hiper*, seguindo ainda o que explana Dufour, em relação a Cristo, não significa apenas referir-se a um sacrifício de expiação em relação ao pecado, mas, com muita frequência, vai motivada pelo amor, ainda que isto implique em um sacrifício pela salvação (1983, p. 164). O corpo dado também concede ao homem a condição de filho, que se torna herdeiro do Reino. A utilização da preposição não vai na direção apenas do sacri-

17 *Le denier repas de Jésus dans le texte Mc 14,16-25*, in QUESNEL; BLANCHARD; TASSIN, *Nourriture et repas dans les milieux juifs et chrétiens de l'antiquité: mélanges offerts au professeur Charles Perrot*. Paris: Cerf, 1998: “O simbolismo sacrificial é transformado, invertendo-se, por metáfora, num ato de oferta pessoal fora do sacrifício ritual” (PENNA, 1998, p. 31 apud DE-LORME).

fício expiatório, mas ao corpo, que é dado, é alimento e presença do Senhor. A perspectiva que a expressão “*hyper hymon*” toma é que, por cima da morte, haverá uma vida nova, que será instaurada na manhã da ressurreição. A libertação e a criação se completam com a Vida nova de Cristo, inaugurando o oitavo dia, ao levantar-se do descanso, no término da *shabbat*.

Outra expressão que encontramos nas narrativas ligadas à tradição paulino-lucana é a menção ao memorial. O memorial de *pesah* “*hazicaron pesah*” é uma lembrança, que se atualiza sobre Israel todos os anos em que se celebra *pesah*. No momento em que um judeu celebra a libertação da Páscoa, não são somente seus antepassados que passaram por essa experiência, mas ele revive esse momento liberatório, como os seus pais, naquela noite. Também ele se torna um hebreu, saindo vitorioso do Egito a partir da intervenção de Deus. Essa intervenção libertadora de Deus representa o elemento fundante do povo, que se dá pelo sacrifício do cordeiro e pelo sangue que é untado nos umbrais das portas (Ex 12,13-14). Em Jesus, o memorial não é mais a saída do Egito. O acontecimento celebrado é a ação de Deus, mas há um deslocamento para a pessoa de Jesus que, saindo de Deus, quer estender a todos a salvação a partir do repetir os atos, que Ele se propôs a fazer na última ceia, no decorrer do ritual do *seder* de *pesah*.

O memorial proposto por Jesus é dinâmico: Ele projeta a comunidade, para a frente, mas sempre com o olhar para as suas ações e gestos da última ceia, que aconteceram provavelmente durante a celebração do *seder* de *pesah*. Na memória feita em nome de Jesus “fazei isto em memória de mim”, somos levados a reatualizar o significado da última ceia e, significando um pedido, para que Deus aproxime a *parusia* e a obra da redenção (KONINGS, 1977, p. 969-970). Ela projeta para o presente toda a história vivida por Jesus, sendo assim, o cumprimento profético e salvífico que Deus iniciou ao escutar o clamor do povo (Ex 3,7-10). A memória expressa aquilo que o Senhor faz na ceia narrada no quarto Evangelho: os gestos são a expressão de um amor vivido no serviço alegre à comunidade, colaborando, dessa forma, para o Reino que Deus implantou entre nós com a *kenosis* do Verbo.

As palavras sobre o cálice

Ao tratar das palavras sobre o cálice, o que nos salta, à primeira vista, é que Jesus relaciona o vinho com o seu sangue. Seu sangue é o sangue da nova aliança. A palavra aliança *bēryth* é frequente na literatura bíblica. O termo vem da raiz hebraica B.R.H e tem uma vasta gama de significações e, apesar de não ser muito claro, os estudiosos apontam que o significado mais aceitável é o que se aproxima do acadiano *biritu*: entrelaçar, abraçar, ligar (FRIRES, 1983, p. 57), e pode referir-se também à refeição da aliança. As palavras de Jesus sobre o sangue da aliança nos remetem a uma ligação com as palavras de Moisés, quando derrama sangue na cabeça dos israelitas, após esses terem aceitado escutar a palavra do Senhor (Ex 24,8) (COENEN, 2000, p. 137-139). Esse rito agrário correspondia a um antigo rito da aliança. A celebração da aliança de Deus com o povo é um dos sentidos do *seder* de *pesah*. Recordemos que a *berakhá*, do terceiro cálice do *seder* de *pesah*, coloca em primeiro plano o memorial e a ação de graças da aliança. A partir desse contexto, Cristo é apresentado como o novo Moisés e “Servo do Senhor” (Is 42,1-7; 49.1-9; 50.4-9; 52.13-53.12) com base nessa leitura, Jesus leva a aliança de Moisés a sua plenitude, instaurando a nova aliança anunciada em Jeremias (Jer 31,31). Ao apresentar seu sangue, como sinal da aliança decorrem dois elementos: a recuperação do sentido mosaico do sacrifício de aliança, voltado à união, mais que expiação e a manutenção do caráter expiatório, fundamentada na leitura do Servo sofrido de Isaías (Is 53,7) levado ao matadouro como um cordeiro

que vai expiar os pecados (RAVASI, 1985, p. 58).

Na expressão, “que será derramado”, o primeiro elemento a se constatar é que o sangue é considerado a alma da vida (Gn 9,4). Ninguém tem o direito de derramá-lo, isto é, matar um homem (Lv 18,5). E essa sacralidade do sangue humano, na Bíblia, impedia-o de se tornar um elemento usado nos rituais cruentos, sendo nesses ritos usado sangue dos animais. Basta recordamos que os hebreus, após imolarem o cordeiro, untaram o umbral de suas portas. No tempo de Jesus, o sangue era derramado sobre o altar na festa de *pesah*. E, em *yom kippur*, o sacerdote aspergia o povo com o sangue do animal sacrificado (Lv 16). E mesmo nas refeições culturais o sangue não era consumido junto com a carne (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 88), mas devia ser derramado na terra ou, se os sacrifícios fossem realizados no templo, deviam ser aspergidos no altar, o que carregava o significado de uma devolução à Deus (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 88).

Ao dizer que seu sangue será derramado, Jesus aponta duas finalidades em seu gesto: uma de ordem existencial, já que sua morte será um assassinato, sendo maltratado, humilhado uma de ordem ritual, pois o Seu sangue simbolizará o cumprimento da aliança selada no sangue do cordeiro, que fora imolado durante a libertação do Egito. Todavia essa leitura da morte de Jesus não vai na direção da leitura cristológica feita por Anselmo d’Aosta em suas obras *Cur Deus Homo e Epistola de Incarnatione Verbi*, onde Deus, devido à infidelidade constante do povo, precisaria de um altíssimo sacrifício para aplacar a sua ira¹⁸. O sacrifício de Jesus se coloca na direção da doutrina do amor e da autoadoção. A morte de Jesus, por conta da expressão: “que será derramado”, é o último grito profético para a salvação de Israel.

As palavras de Jesus sobre o cálice inauguram a nova aliança a partir do cálice único, usado na ceia. A aliança não precisa mais ser realizada com base no sangue de um animal, pois é o próprio Deus presente na pessoa de Jesus que dá o seu sangue como sinal do cumprimento: “Este a simboliza não como no Sinai, de uma forma figurativa, mas realmente no Gólgota e, portanto também no Cenáculo, quando comunica o cálice” (LÉON-DUFOUR, 1983, p. 101).

Considerações Finais

A vida terrena de Jesus esteve sempre em total consonância com os desígnios do Pai. Interpretando seus gestos e ensinamentos, vemos que sua atuação profética com o povo judeu foi no sentido de desvelar o verdadeiro significado da pertença do povo a Deus, como apontam a *Torah* e a hermenêutica profética. Agindo como Rabi e sábio reuniu discípulos junto de si e instruiu-os segundo a fé recebida pela tradição. No maior dos ritos do povo de Israel, a celebração do *Seder* de *Pesah* deixa seu maior legado de ensinamentos, nas fórmulas rezadas e celebradas.

Sendo judeu, Jesus jamais desprezou os ritos que a fé de Israel propunha, e dela usou em seus longos ensinamentos; deu muitos exemplos com suas parábolas e em sua ceia tomou os gestos feitos sobre o cálice e o pão. Rezou as orações, que a tradição de Israel reza para tais festividades e pediu que fosse feito tudo em sua memória, que repetissem sempre em suas reuniões os seus gestos que são, no fundo, os gestos religiosos de Israel.

¹⁸ Na obra “Cur homo Deus” Santo Anselmo d’Aosta trabalha com a teoria da satisfação Divina buscando entender os motivos que levaram a Deus a tomar a natureza humana e ser sacrificado em prol da humanidade. A partir do sacrifício feito pelo Logos, a ofensa humana feita a Deus pode assim ser paga. Somente um sacrifício à altura (o de Jesus Cristo na Cruz) pode aplacar a ira de Deus (ANSELMO, 1952-1953).

Tendo refletido sobre a celebração de *pesah*, com base nas diversas narrativas no Novo Testamento, dos quatro cálices durante a celebração de *pesah* e das *berakhot*, percebemos que existe uma grande possibilidade de Jesus ter celebrado sua ceia em um *seder de pesah*.

Com o crescimento da comunidade cristã primitiva, a herança deixada por Jesus nas bênçãos do *seder de pesah*, caminhando pelas vias do espaço – tempo chegam até nós como um sacramento legado por nossos pais na fé e que, de nossa parte, é necessária uma devida referência e busca amorosa para entender como tais ritos nos unem ao povo da eleição.

Referências

- BASURKO, X., **Para compreender la Eucaristia**. Navarra: Verbo Divino, 1997.
- BERGER, K., **Jesús**, Santander: Sal e Terra, 2009.
- COENEN, L., BROWN, C., **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Santo André: Vida Nova, 2000.
- FRIRES, H., **Dicionário de teologia**. São Paulo: Loyola, 1983.
- GIRAUDO, C., **Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a Eucaristia**. SP: Loyola, 2014.
- HRUBY, K., **La prière synagogale**. Ses origines, son développement et son état actuel. Liège: Tsofim, Limones, 2014.
- JEREMIAS, J., **La cena del Señor**. Huesca: Crisandad, 1980.
- KONINGS, J., **Dicionário enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Vozes, 1977.
- LÉON-DUFOUR, X., **La fracción del pan Culto y existencia em el Nuevo Testamento**, Madrid: Crisandad, 1983.
- PENNA, R., **A ceia do Senhor: Dimensão histórica e ideal**. São Paulo: Loyola, 1998.
- PEREIRA, N.B., **Ritual A ceia pascal cristã**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- QUESNEL, M.; BLANCHARD, Y-M.; TASSIN, C., **Nourriture et repas dans les milieux juifs et chrétiens de l'antiquité: mélanges offerts au professeur Charles Perrot**. Paris: Cerf, 1998.
- RAVASSI, G., **Êxodo**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- ROCCHETTA, C., **Hacia una teología de la corporeidad**. Madrid: San Pablo, 1993.
- RODKOSON, M. L., **TALMUD BABLI** (talmud da Babilônia), Boston, 1918.
- SCHLESINGER, H. **Pequeno ABC do Pensamento Judaico**. São Paulo: B'nai B'rith, 1969.
- STERN, D., **Comentário judaico do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2009.
- VAINSTEIN, Y., **El ciclo del año judío**. Jerusalém: Haoman, 1991.